



João Paulo de Azevedo Silva

Universidade Federal de Pernambuco

Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO AFRICANO

INTRODUCCIÓN AL PENSAMIENTO FILOSÓFICO AFRICANO

RESUMO. As indagações foram as forças que movimentaram a pesquisa para buscar um sentir-pensar que ultrapassem os limites eurocêntricos e coloniais. Perguntas como: o que é filosofia? Por quais motivos até o momento só nos chegou uma única forma de filosofia/filosofar? Quais são as epistemologias/filosofias que estão sendo produzidas atualmente no sul global? Essas questões levaram nosso corpo-espírito-alma encontrar novas lentes interpretativas para o mundo a partir do sul-global, especificamente, dos africanos e dos afrodiáspóricos. Por isso, formulamos introduzir o pensamento africano a partir da busca epistêmica e existencial-política de deslocamentos interpretativos que ultrapassam os modos de sentir, observar, pensar e refletir do ocidente. Neste roteiro, concluímos que as filosofias africanas referendam um leque de possibilidades de enxergar, sentir e viver a vida, que a partir delas podemos perceber os envolvimento de todos/as em comunidade sem que haja necessidade de relações verticais e assimétricas entre humanos, a natureza, a ancestralidade e as espiritualidades.

Palavras chaves: Filosofias Africanas, Decolonialidade, Contemporaneidade.

RESUMEN. Las preguntas fueron las fuerzas que movieron la investigación para buscar un sentir-pensar que supere los límites eurocéntricos y coloniales. Preguntas como: ¿qué es la filosofía? ¿Por qué razones nos ha llegado hasta ahora una sola forma de filosofía/filosofar? ¿Cuáles son las epistemologías/filosofías que se están produciendo actualmente en el sur global? Estas preguntas llevaron a nuestro cuerpo-espíritu-alma a encontrar nuevos lentes interpretativos para el mundo del sur global, específicamente, africanos y afrodiáspóricos. Por ello, formulamos la introducción del pensamiento africano desde la búsqueda epistémica y existencial-política de desplazamientos interpretativos que superen las formas occidentales de sentir, observar, pensar y reflexionar. En este guión, concluimos que las filosofías africanas avalan un abanico de posibilidades para ver, sentir y vivir la vida, que desde ellas podemos percibir el involucramiento de todos en la comunidad sin necesidad de relaciones verticales y asimétricas entre humanos, naturaleza, ancestro y espiritualidades.

Palabras claves: Filosofías Africanas, Decolonialidad, Contemporaneidad.



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

INTRODUÇÃO

O presente estudo nasce como requisito de avaliação da disciplina Epistemologias do Sul ofertada pela Profa. Dra. Allene Lages e o Prof. Dr. Everaldo Fernandes do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC/UFPE/CAA). Pensando sobre as Epistemologias que são refletidas, produzidas e vivenciadas a partir do Sul global, surgem diversas inquietações sobre a autocompreensão desses povos, isto é, como eles entendem-se, sentem-se, expressam-se e explicam o mundo.

O percurso que decidimos fazer neste estudo foi: a. Apresentação de nossa proposta; b. No tópico intitulado correntes filosóficas dos povos africanos, abordaremos como as Filosofias Africanas configuram-se na contemporaneidade; c. Falaremos de chaves interpretativas que convergem nessas filosofias, ou melhor, os eixos comuns que costuram essas diversas cosmopercepções que, em conjunto, caracterizam o pensamento africano.

As indagações que atravessam e marcam esse estudo são frutos das leituras dos textos propostos e estudados na vivência desse componente curricular e também das conversas com os colegas que dividiram o espaço de ensino-aprendizagem, e os professores durante e depois das aulas ministradas. Diante disso, nos perguntamos: o que é filosofia? Por quais motivos até o momento só nos chegou uma única forma de filosofia/filosofar?¹ Quais são as epistemologias/filosofias que estão sendo produzidas atualmente no sul global?

¹ Referimo-nos à Filosofia produzida no Ocidente que, por conta de um processo de colonização e dominação de outros povos, foi capaz de silenciar significações outras de enxergar e refletir as inúmeras formas de interpretar e exprimir a existência.



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

Além dessas, existem outras questões que foram sendo elucidadas após o transcurso do tempo e a maturidade das leituras, logo possibilitando ampliar os horizontes para outras perguntas, visto que os processos de reflexão sobre a vida e sobre as formas de perceber essa permanência no mundo são inesgotáveis; e não são limitantes e atrofiados como os preconceitos impostos pelo Norte global que ainda hoje tenta impor-nos. Ondó (2017) nos ajuda a refletir falando sobre a filosofia dos velhos sábios nas comunidades africanas e que:

en principio, debo reconocer que el término “filosofía” (“amor a la sabiduría”), es un término moderno, nuevo, en relación con el tipo de sabiduría a la que se refiere. El gran inconveniente consiste en que, por lo general, se ha confundido, se confunde todavía, en el Occidente, esta sabiduría primigenia con la palabra “filosofía”, que fue empleada por primera vez, en el siglo V a. C. por Pitágoras de Samos. (p. 01)

Por isso, intencionamos formular uma introdução do pensamento africano a partir da busca epistêmica e existencial-política de deslocamentos interpretativos que ultrapassam os modos de sentir, observar, pensar e refletir do ocidente. Isto se dá mediante o pressuposto do pensamento anticolonial e descolonial em que se reflete a Europa como não sendo a única fonte emanadora de saber e da filosofia no mundo, nem hoje, tampouco em tempos remotos, uma vez que, conforme nos mostra Oruka (2002),

A filosofia como disciplina que emprega metodologia analítica, reflexiva e racional, não é, portanto, vista como um monopólio da Europa ou de qualquer raça, mas como uma atividade para a qual toda raça ou pessoa tem uma potencialidade (p. 02).



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

Acreditar no “milagre Grego” contribui para o epistemicídio, racismo epistêmico (SANTOS 2007) e a prática de helenofilia² que o filósofo afrobrasileiro Nogueira (2013) nos apresenta. Nenhuma ciência é produzida a partir do nada e sim fruto de um contexto histórico, como todo e qualquer ser humano é apto a produzir reflexões diversas sobre si mesmo, a comunidade e a vida. James (1992) nos mostra como construiu-se a ideia do milagre grego e como eles fizeram inúmeras incursões no Kemet³ para aprender as Ciências que estavam sendo produzidas. Mostra também que o povo kemético não foi o único prejudicado por essas práticas. De acordo com o autor, a ciência produzida na Idade Média também era fruto dos povos árabes e dos povos que habitavam o norte da África:

Também deve ser de interesse saber que os cientistas Europeus como Roger Bacon, Johann Kepler, Copérnico e outros obtiveram a sua ciência por meio de fontes Árabes ou Berberes. É também de se salientar que, ao longo da Idade Média [Middle Ages], o conhecimento Europeu de medicina veio destas mesmas fontes. (JAMES, 1992, p. 49)

Por intermédio dessa obra, percebemos que os gregos se apropriavam dos saberes produzidos na África e, ao mesmo tempo, negavam aos aprendizes quem eram os produtores de tais saberes. A forma de enxergar o mundo, senti-lo e percebê-lo, nunca foi algo exclusivo dos europeus, mas sim de todos os seres humanos que se propõem a pensar e refletir as realidades dadas, construídas e circunscritas. Isto deve-se à compreensão ontológica, constitutiva do ser humano, de refletir e dar sentidos perceptivos e racionais

² Por helenofilia se deve entender um tipo de dogma intelectual que percebe na Grécia a única matriz de repertório filosófico na antiguidade. (NOGUERA, 2013, p. 142)

³ A região de Kmt (escrito também como Kemet) está localizada no nordeste da África, e quando se fala em filosofia africana é preciso prestar atenção, pois a África é um continente, e Kemet é fruto da unificação de diferentes povos do sul e noroeste do continente africano, como o povo de Kush, nomeado pelos Gregos de Etíopes e o povo Núbio (RIBEIRO, NASCIMENTO, GOMES, HEBERT e BISPO, 2020, p. 49)



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

às experiências e vivências cotidianas e estruturais da existência. É através da Filosofia que se busca um conhecimento a respeito da realidade imediata e mais distante, como nos mostra Ondó:

Si se entiende por filosofía, un saber universal y racional con el que se pretende alcanzar un conocimiento verdadero de la totalidad de lo real, en la medida en que el filósofo propone indagar sus orígenes o sus causas motrices o primordiales, entonces esta forma de aproximación a la realidad próxima o lejana, material o espiritual, concreta o abstracta..., tuvo lugar por primera vez en África varios milenios antes de Cristo (2017, p. 01).

Demonstrar que a filosofia é universal, no sentido que todos têm aptidões para realizá-la, corrobora com a possibilidade de diminuir as desigualdades cognitivas impostas pelo norte global, porque politicamente nos sentimos na obrigação de contribuir com produções que revelam que povos de toda parte do mundo produzem filosofia para não acharmos que a humanidade e suas potencialidades apenas se concentram e se manifestam no povo norte-global.

Nesse sentido, intentamos contribuir com a redução da injustiça social global e cognitiva que Santos (2007) retrata: “a injustiça social global estaria portanto estritamente associada à injustiça cognitiva global, de modo que a luta por justiça social global requer a construção de um pensamento “pós-abissal” (p. 70). O Norte Global como um todo tem seus méritos, e não são poucos, e que o objetivo dos estudos descoloniais não é desmerecê-los ou inverter os papéis de oprimido x opressor, mas de mostrar que o desenho hermenêutico de um povo não pode se sobrepor a outros povos como fonte produtora e universal da verdade filosófica: "Ninguém pode tirar as dádivas da Europa, nem isto deve ser jamais um objetivo de estudos, mas a Grécia não pode impor-se como



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

uma cultura universal que se desenvolveu inteiramente do nada, sem as fundações que recebeu da África" (ASANTE, 2015, p. 167).

Cada agrupamento, cada sociedade, tem sua própria maneira de enxergar e explicar o mundo que envolve tanto o indivíduo quanto o grupo/comunidade; onde o contexto histórico, em toda sua amplitude e complexidade, influenciará no que será produzido em determinadas épocas. Enquanto o norte-global prioriza a escrita, as comunidades e populações africanas, e africanos na diáspora, valorizam, sobremaneira, a oralidade, conforme Oruka (1994) nos mostra que

Tenemos también que admitir el hecho, muy importante, de que la sabiduría no existe en un vacuo; ella existe en un contexto. Una afirmación puede ser considerada sabia en un contexto cultural y, con todo, parecer ridícula en otro contexto cultural, diferente (p. 08).

Desse modo, entendemos que cada saber não existe do nada; ele é produzido dentro de um contexto histórico que envolve a cultura, economia, política, envolvendo o indivíduo e a comunidade a qual pertence; além disso, sabemos que "o ser humano tem um forte desejo de saber, ele é curioso por natureza" (OMOREGBE, 1998, p. 02). Nesse percurso falaremos sobre as principais correntes que as filosofias africanas na contemporaneidade se inserem, como também as chaves interpretativas que convergem entre elas.

Como a temática é vasta e a tarefa ultrapassa os limites do presente texto, pretendemos então fazer um convite introdutório que, seguramente, transformar-se-á em estudos futuros com aprofundamento das proveniências e desdobramentos do nosso modo de sentir, pensar e expressar as nossas existências nos trópicos. Ou seja, nosso objetivo é prefaciá-lo o pensamento Africano apresentando-o aos leitores com a



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

intencionalidade de desmistificar a centralidade do pensamento europeu e de provocar-nos a repensar as raízes múltiplas que cimentam e tecem os entendimentos e leituras que fazemos das nossas cosmopercepções.

CORRENTES FILOSÓFICAS DOS POVOS AFRICANOS CONTEMPORÂNEOS

Refletir o pensamento africano requer uma abertura sensitiva ao novo, ao diferente e buscar locomover-se corporalmente, isso porque o pensamento filosófico é atravessado por lentes interpretativas dessemelhantes da que estamos habituados. Por isso é importante sentir-pensar que são estudos/pensamentos diferentes dos que aprendemos no Ocidente, isto não quer dizer que se excluem, hierarquizam-se ou se sobrepõem.

Os estudos sobre as Filosofias Africanas na contemporaneidade são divididos em quatro partes distintas, cada qual tem uma perspectiva para o mesmo dado real, ou para outras realidades. São novos ângulos de percepções que nos ofertam outras maneiras de enxergar e explicar o mundo; os sujeitos em suas individualidades e a comunidade em que determinada pessoa está inserida. Oruka (2002) apresenta a seguinte distinção: a.



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

etnofilosofia⁴; b. filosofia da sagacidade⁵; c. filosofia nacionalista-ideológica⁶ e d. filosofia profissional⁷.

Entendemos não ser possível chegar a falar das Filosofias Africanas sem antes aclarar o caminho historiográfico ao qual elas estão incluídas, e concomitantemente, expor o que os próprios africanos têm falado em relação ao que se tem produzido tanto dentro da África como na diáspora em relação a esses saberes construídos.

A etnofilosofia, segundo Oruka (2002) e Hountondji (2008), é a leitura feita, geralmente, por antropólogos e teólogos que não têm o intuito de analisar de forma conjectural as formas de pensar dos povos africanos. Esvaziando, em muitos momentos, a dimensão e a complexidade que elas apresentam, ou seja, a etnofilosofia busca apenas descrever as relações e as percepções africanas. Segundo os autores, o ato de filosofar ultrapassa a mera descrição de fatos, Huontondji (2008) afirma que quando lemos as obras de Tempels (1906-1977), que é um exemplo de etnofilósofo, há mais da filosofia de Tempels do que dos povos africanos, assim também com a leitura de Kagame e outros que vão até a África com finalidades colonizadoras.

Esses autores africanos convidam a nós, leitores(as), a pensar que os estudos desses teólogos e antropólogos não se fundam na parte crítica da África, ou seja, ao que diz respeito aos saberes dos sábios, filósofos, poetas, cientistas e outros mais que existem

⁴ Dentre alguns nomes dessa corrente filosófica podemos destacar: Placide Tempels (1945), Alexis Kagame, Léopold Sédar Senghor, entre outros. (MACHADO, 2014)

⁵ Na filosofia da Sagacidade destacamos Henry Odera Oruka, pois ele foi o criador dessa corrente após essa criação, ele acrescentou mais duas a essas quatro correntes que foram: a. Filosofia Literária / Artística e b. Filosofia Hermenêutica. Além do nome dele, temos Marcel Griaule, B. Hallen e J. O. Sodipo. (KALUMBA, 2004; MACHADO 2014)

⁶ Nessa corrente filosófica encontramos nomes como o do Leopold Senghor, Kwame Nkrumah, Julius Nyerere e Dubois. (MACHADO, 2014)

⁷ Na corrente filosófica profissional encontramos nomes além do de Oruka, temos também o de Kwasi Wiredu, Paulin Hountondji, Eboussi Boulaga e Marcien Towa, dentre outros. (MACHADO, 2014)



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

em África; limitam-se na acrítica, compreensão esta que diz respeito apenas à leitura mítica e não à racionalidade lógica-cognitiva⁸. Para os autores que analisam e se posicionam de forma crítica, em relação a etnofilosofia, a filosofia deve fazer análises que levem em consideração "os aspectos críticos, não acríticos, da tradição popular" (ORUKA, 2002, p. 03).

A etnofilosofia não tem objeto de estudo estritamente definido e mistura análises da etnologia e da filosofia, focando suas percepções na mística e no arcabouço cultural a partir de uma percepção colonialista. Por isso é importante levar em consideração o que Machado (2014) partilha:

Não podemos considerar qualquer texto e/ou pensamento africano como filosófico, assim como não se pode reduzi-lo à sua religiosidade ou tradição cultural e, menos ainda, a uma filosofia que se inspira nas formas da metodologia filosófica europeia (p. 11)

Dessa forma, é ensinado que não se deve reduzir, esvaziar de sentidos mais profundos, todos os saberes produzidos em África apenas às religiosidades e à cultura fragmentada e estereotipada dos africanos. Diferentemente desta, a filosofia da sagacidade apresenta-se como uma proposta em que leva em consideração os sujeitos africanos para além da grafocêntrica, entendendo que a oralidade e os saberes dos mais velhos dentro das comunidades são potentes de filosofias e ciências profundas. Essa prática filosófica também pode ser chamada de filosofia dos sábios. Segundo Oruka (1994, p. 7-8),

⁸ É importante saber que os saberes míticos não ocupam lugar de inferioridade em relação à lógica, mas limitar-se apenas aos aspectos míticos dos povos africanos é reforçar o preconceito epistêmico que posiciona tais saberes apenas no campo místico, mágico, exótico e incompreensível.



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

La filosofía-de-los-sabios, en mi lenguaje, consiste en los pensamientos expresados por hombres y mujeres sabios en cualquier comunidad dada. Los pensamientos pueden ser expresados por escritos o como máximas no escritas y argumentos asociados a algún(os) individuo(s) sabio(s).

Essa lente interpretativa do mundo busca perceber-sentir nas sabedorias e nas tradições populares potencial educativo/filosófico. Geralmente esse saber é passado por intermédio das conversações, dos contos de estórias, por uma pessoa considerada sábia dentro da comunidade, pois é ela a portadora dos saberes culturais, filosóficos, econômicos, políticos e outros mais. Os saberes que são partilhados por essas pessoas sábias, que não têm gênero definido podendo ser tanto homem como mulher, em rodas de conversação e em outros espaços educativos, servem para a comunidade como indicadores de saber viver. Estes saberes podem ser apreendidos e expressos de maneiras diversas, como a escrita, máximas que não são escritas e um discurso que associa-se geralmente a outro sábio(a).

Essa filosofia,

es una manera de pensar y explicar el mundo, la cual fluctúa entre la sabiduría popular (máximas comunales bien conocidas, aforismos y verdades generales de sentido común) y la sabiduría didáctica, una sabiduría expuesta y un pensamiento racionalizado de algunos individuos dados dentro de una comunidad. (ORUKA, 1994, p.8)

Os filósofos que se detêm a pesquisar nessa perspectiva não fixam sua atenção no estudo de obras, mas sim nas pessoas sábias de determinada comunidade, nas conversações e aprendizados cotidianos, nos que o norte-global julga de mais simplório, lá se encontra profunda riqueza intelectual e de vida. Essa corrente contribui com a ideia



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

de que a reflexão filosófica não cabe apenas aos letrados, a oralidade aqui é um ponto fundamental. Essas pessoas sábias, segundo Oruka (2002), são inteiramente capazes de perceber um problema ou mesmo um conceito e fornecer para toda a comunidade uma "análise filosófica rigorosa do mesmo, tornando claro, racionalmente"⁹ (p. 04).

Uma das limitações que essa corrente apresenta é que se não tomar os devidos cuidados ao utilizar esse recurso filosófico, ele pode tornar-se uma etnofilosofia, contendo mais de quem pesquisa do que da questão analisada e refletida. Uma outra corrente filosófica que circula no território africano é a Filosofia Nacionalista-Ideológica ou Política. Esta corrente se empenha em responder às diversas classes de problemas que surgem diante do colonialismo, das independências no mundo, ao fim da escravidão e também da exploração do homem e da mulher africanos(as) na África e na Diáspora. É uma corrente filosófica que recusa os "preconceitos ideológicos consolidados no processo histórico, a busca da afirmação do indivíduo africano, desconstruindo a "desvalorização de si" internalizada pelo colonizador" (MACHADO, 2014, p. 15).

Sendo assim, podemos entender essa corrente filosófica como uma força política que busca a afirmação do continente africano perante o mundo, dado que a maioria dos teóricos dessa corrente é constituída de estadistas ou políticos. De acordo com Machado (2014) é uma filosofia sociopolítica que busca emancipar e reconstruir as diversas nações da África, a fim de se afirmar perante o mundo. Interessante que essa perspectiva filosófica também abrange a ideia de comunalismo que preconiza o "indivíduo e a sociedade [que] têm obrigações mútuas igualitárias: nenhum indivíduo prosperaria às

⁹ No livro "Las preguntas básicas sobre la filosofía-de-los sabios en Africa" de 1994, Oruka nos oferece uma rica exposição de exemplos da sabedoria desses povos que ele obtém através de entrevistas com os sábios de diversas comunidades.



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

custas da sociedade e a sociedade não ignoraria a estagnação de nenhum dos seus membros" (ORUKA, 2002, p. 6-7).

Nesta corrente se admite que a filosofia é "uma disciplina ou uma atividade cujo significado não pode depender apenas de uma criação racial ou regional" (ORUKA, 2002, p. 6), corroborando com as ideias expostas aqui no texto. Para ela, as diferenças entre a filosofia europeia ou ocidental e a africana se encontram nas necessidades culturais de cada povo, isto porque a cultura infere na formação do sujeito e como será feita a filosofia no sentido de metodologias e de prioridades temáticas.

Acrescentam-se a essas mais duas das quais Machado (2014) cita: uma delas é relatada como Filosofia literária/artística que engloba aquelas que refletem as questões de cunho filosófico em obras de ficção. E a outra é a Hermenêutica que tem a finalidade de analisar as línguas africanas da antiguidade para analisar conteúdos de cunho filosófico nessas línguas.

Os objetivos da filosofia africana, de acordo com Machado (2014), são: a. Significar a existência no mundo, o que leva cada indivíduo dentro de uma comunidade a ser "promovedor, iniciador de novas ideias e, assim, promotor de perspectivas de outro futuro."; b. Formar homens e mulheres íntegros(as), o que quer dizer que têm por função formar pessoas que agem de forma consciente e coletivamente, dessa forma, "respeitando a diversidade cultural, o universo, a natureza. Ou seja, homens que pensam e agem para a mudança de suas condições sociais, econômicas e políticas."; c. filosofia sendo uma oportunidade das pessoas se emanciparem, pois é ela que é vista como "causadora de ideias e ideais libertadores, estimulando o homem a transformar a sociedade num lugar melhor, abrangendo o contexto social, econômico e cultural, sendo protagonista de uma mudança eficaz"; d. Saber que os africanos são capazes de produzir uma filosofia de ponta,



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

ou seja, "capaz de formular correntes de pensamentos tão grandiosas quanto aquelas que provocaram mudanças na história da filosofia"(p. 11).

São essas as principais correntes do pensamento africano contemporâneo e também alguns de seus objetivos. Dentre essas correntes os temas que convergem entre eles são: ancestralidade, movimento, comunidade, alteridade, tradição; esses temas "têm como preocupação fundamental o indivíduo, a natureza e também a comunidade — uma não existe sem a outra" (MACHADO, 2014, p. 2). Iremos agora abordar como esses descritores são apresentados no conjunto das Filosofias Africanas.

EIXOS COMUNS E CENTRAIS NAS FILOSOFIAS AFRICANAS

As tendências filosóficas da África contemporânea apresentadas no tópico anterior articulam-se e sustentam-se sobre alguns pontos-chaves que elas têm em comum, a saber: Oralidade, Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade, Cooperativismo comunitarismo, Ancestralidade, Memória, Ludicidade e Energia Vital (Axé). Machado (2014) apresenta esses conceitos como: "fio condutor para se chegar à Filosofia Africana Contemporânea" (p. 2), por isso, achamos importante falar deles em um estudo introdutório/exploratório.

Cada autor/teórico irá perceber e irá selecionar determinados grupos para melhor compreender e chegar aos objetivos que se propõem, embora alguns se repitam com maior frequência, tais quais os que já citamos. Optamos por falar, a respeito de três em particular: Ancestralidade, Comunidade e Oralidade. Não escolhemos essas categorias por



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

serem as melhores ou as mais importantes. Preferimos estas por entender a limitação do espaço do presente estudo e por caracterizarem-se como categorias-axiais que possibilitam a identificação do pensamento africano, pois, atravessam o conjunto hermenêutico das diversas filosofias produzidas neste continente matricial da humanidade.

Sem colocar numa relação hierarquizada esses eixos compreensivos, optamos por falar do papel que a ancestralidade ocupa dentro do pensamento filosófico africano. Porquanto, a ancestralidade preocupa-se não apenas com o indivíduo de forma isolada, mas também com a natureza, com a comunidade e a relação simbiótica desses elementos em movimento.

Júnior (2010) nos mostra a importância que a ancestralidade tem nas comunidades africanas. Segundo esse autor os ancestrais têm a tarefa de construir as identidades e as territorialidades dos povos tanto da África quanto de africanos nas diásporas. São os ancestrais que também falam sobre a morte, a morte "como continuidade da vida inteligente no mundo invisível e o ressurgimento desta noutra vida corpórea no mundo visível"(p. 32).

Embora não haja acento valorativo na verticalização das relações nas comunidades africanas, existe uma organização social e espiritual que inclui diferentes papéis e poderes que também alcançam o plano do cosmos em geral (WIREDU 2010). Os ancestrais ocupam um lugar após ao Ser Supremo, pois, são esses ancestrais que, além de criarem as identidades e territorialidades, fundaram também as primeiras famílias e são eles que intermediam as relações entre o Ser supremo e os seres humanos. Lopes (1942, p. 24) demonstra o funcionamento desta organização:



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

Segundo concepções imemoriais africanas, todos os seres, segundo a qualidade de sua Força Vital, integram-se em uma hierarquia. Acima de tudo está o Ser Supremo, Incriado e Preexistente. Ele é a Força por si mesma e a origem de toda a energia vital. Depois, vêm os primeiros ancestrais dos seres humanos, os fundadores dos diferentes clãs, que são os mais próximos intermediários entre os humanos e o Ser Supremo. Após esses fundadores, estão os mortos ilustres de cada grupo, por ordem de primogenitura. Eles são os elos da cadeia que transmite a Força Vital dos primeiros antepassados para os viventes. E estes, por sua vez, estão hierarquizados, de acordo com sua maior ou menor proximidade, em parentesco, com os antepassados e, conseqüentemente, segundo sua Força Vital.

Assim, povos como os Igbos, Makondes, Akan, entre outros, demonstram que através da ancestralidade é possível a criação do mundo, (re)criar a vida, de dar força aos humanos no cotidiano e é a partir dos ancestrais que a cultura é constantemente criada, recriada e vivida de forma potente entre esses povos.

Portanto, é a partir da ancestralidade que a cultura se manifesta em seu aspecto vivo que inova cada geração, que atravessa os seres de forma a implicar numa maneira de estar no/com o mundo. Desse modo, a "ancestralidade é um modo de estar no mundo [...] estar com o outro indivíduo, a natureza, consigo mesmo" (MACHADO, 2014, p. 10). É a ancestralidade que envolve quase todos os outros aspectos, pois, ela consiste em ser o fundamento e o não fundamento, é o meio no qual tudo acontece, é a base de toda forma de ser e existir, ainda que não seja materialmente visível e mensurável.

Numa dinâmica de circularidade que comporta continuidade(s), aparece a oralidade que é outra compreensão bastante tocada em quase toda literatura vista por nós. A oralidade é utilizada pelos seres humanos e pelos ancestrais, para se comunicarem, se entenderem e aprenderem uns com os outros. Assim, percebe-se a oralidade como um pilar cultural na filosofia africana, porque é a partir dele que surgem os provérbios, as



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

estórias, a sabedoria passada de geração em geração, as mitologias e as produções de sentidos.

Ressaltamos que a oralidade na filosofia africana não fica restrita apenas ao ato de falar, mas abrange outros aspectos como nos mostra Junior (2010):

A oralidade africana é um conceito amplo, que abrange oratura, oralitura, inscritura, tradição oral, literatura oral e história oral. São formas da arte verbal e da construção do pensamento na sua forma verbal. O discurso verbal pensado e composto com diversas formas de expressão, como teatro, a música, a dança e a expressão corporal. O discurso composto incorpora os instrumentos musicais e o corpo (p. 31).

A oralidade faz parte desse movimento globular no qual permeia todas as estruturas sociais, desde uma expressão artística até ao provérbio de um sábio da comunidade. Porque é ela que encarna a escola da vida; é a partir dela que o material e o espiritual se ligam e também se distanciam, ora tornando-se compreensível para todos(as), ora tornando-se legível apenas para alguns donde se criam estratificações sociais.

Ela é "o conhecimento transmitido oralmente, pelo Verbo atuante, deve ser passado, do mestre ao discípulo, por meio de sentenças curtas, baseadas no ritmo da respiração" (MACHADO, 2014, p. 35). É o saber atravessado, adquirindo novas nuances a partir das gerações que o transmitem, coadunando com as novas práticas culturais existentes, não dissociado, mas articulado com a realidade de seus praticantes. Nogueira (2011) coloca para reflexão que é a partir do diálogo, ou como Ramose fala do polidiálogo, que os valores das coisas são compartilhados e é a partir desse compartilhamento de valores, de éticas, de filosofias e ancestralidades, que reconhecemos as inúmeras possibilidades de existir juntos, com os outros e com a natureza. Tudo isto só será possível



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

se vivido em comunidade, num espírito de herança, de pertencimento ampliado, ancestral e inter-geracional, além das territorialidades que permitem as trocas e interveniências entre as forças vitais através dos orixás, das pessoas sábias e da sabedoria impressa na natureza.

Partilhar a vida, pertencer a um determinado território, sentir-se parte de um todo, todas essas características englobam a compreensão de comunidade. O que está no alicerce da ideia de comunidade são as trocas simétricas entre todos que se inserem dentro desse contexto. É uma outra maneira de (re)afirmar a identidade individual e também da comunidade como um todo, uma vez que é nela e através dela que os indivíduos se legitimam e são reconhecidos enquanto tais.

Em mobilidades constantes, circulares e abertas, a comunidade através das pessoas reafirma seus interesses em comum e assim legitimam a permanência dela. Numa comunidade podemos encontrar aspectos e dimensões da vida que se interligam, tais como: segurança, cuidado, bem viver, identidade, sabedoria, entre outros.

Mediante essa cosmopercepção, na comunidade não há separação entre o Eu e o nós, ou os nós encarnados com aqueles que não estão entre nós. Tudo acontece em deslocamentos contínuos, em circularidade, à medida que a ancestralidade comunica a sua existência e influencia a comunidade; nessa dinâmica, a comunidade legitima a ancestralidade e seus repertórios civilizacionais. Como nos mostra Lopes (1942):

E, assim, o sentido da dança, do toque do tambor, do mito, da lenda, do provérbio, dos rituais em geral e dos artefatos, gira em torno dos seres humanos na comunidade: a família, a linhagem, a aldeia, o clã ou grupo étnico, os vivos e os antepassados. Ninguém dança sozinha, mas com a comunidade ou na presença dela; e nenhuma reflexão ou decisão nasce ou se faz, senão em conjunto (p. 27).



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

Mogobe Ramose, numa entrevista a Sbardelotto em 2021, através da revista do Instituto Humanista Unisinos, explicou um pouco da concepção de Ubuntu e falou o que a comunidade representa para o povo Bantu “a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo. Com base nisso, a primazia é atribuída à comunidade, e não ao indivíduo”(p. 1). Essa comunidade é definida como uma “entidade dinâmica” entre três esferas: a dos vivos, a dos mortos-vivos (“ancestrais”) e a dos ainda não nascidos. No pensamento africano, podemos perceber que nada é desconexo, tudo está intrinsecamente ligado a algo, ao grupo, aos cosmos e ao todo.

Dentro da comunidade até as divindades estão submetidas aos interesses comuns. Portanto, elas só serão cultuadas, lembradas, terão oferendas, caso elas continuem a atender os anseios de todos. A comunidade existe e funciona com base na tradição, na ancestralidade, na oralidade e, ao mesmo tempo, todas essas dimensões adquirem sentido e funcionalidade num processo de circularidade, interdependência e significados firmadas e materializadas nos corpos em relação. Tudo isto para assegurar a indispensabilidade da corporeidade como lócus e expressão da tradição, da ancestralidade, da oralidade e da comunidade.¹⁰

CONCLUSÃO

As filosofias africanas apresentam-se para nós com um leque de possibilidades de enxergar, sentir e viver a vida, a partir delas podemos perceber os envolvimento de

¹⁰ Para aprofundamento da corporeidade, indicamos a leitura da tese de doutoramento de Eduardo David de Oliveira: Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. 2005. Tese (Doutorado) - Curso em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

todos(as) sem que haja necessidade de relações verticais e assimétricas entre humanos, a natureza, a ancestralidade e as espiritualidades. Elas nos apresentam um universo complexo, composto de distintos papéis e poderes, mas que não abre mão do equilíbrio e, ao mesmo tempo, não deixa de perceber os conflitos eminentes entre aqueles seres que sentem, pensam e lutam com os seus semelhantes e até com opostos.

A relevância social e de produção de sentidos da figura dos mais velhos dentro da comunidade foi um outro aprendizado que pudemos desfrutar no caminhar desse estudo. Porque é através dessas pessoas que os saberes sagrados, perpassados de geração em geração, permanecem vivos e, ao mesmo tempo, consolidam tudo aquilo que constitui a tradição, mediante a oralidade, a corporeidade e em comunidade. Esta, por sua vez, torna-se um espaço aprendente, perceptivo, espiritual que comporta a participação dos vivos, dos vivos-mortos e até mesmo os não-nascidos. Numa palavra: distintamente do pensamento eurocêntrico, o pensamento africano emerge de transagens de vários agentes, gerações, dimensões e alcances que ultrapassam o simples refletir; conclama de forma conjunta: a corporeidade, a ancestralidade, a comunidade e a oralidade de forma circular, aberta, dinâmica e de retroalimentação e desse modo resistindo e reinventando-se continuamente.

REFERÊNCIA

ASANTE, Molefi Kete. Raça na antiguidade: na verdade, provém da África. **Revista de Humanidades e Letras**, v. 1, n. 3, 2015.

JAMES, George GM. **Legado roubado**: A filosofia Grega é roubada da Egípcia. Trenton, NJ: Africa World Press, 1992.



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

JUNIOR, Henrique Cunha. NTU: Introdução ao pensamento filosófico bantu. **Educação em Debate**, Fortaleza, v. 1, n. 59, ano 32, 2010.

KWASI, Wiredu. **As religiões africanas desde um ponto de vista filosófico**. Tradução para uso didático de WIREDU, Kwasi. African Religions from a Philosophical Point of View In: TALIAFERRO, Charles; DRAPER, Paul; QUINN, Philip L. (eds.). A Companion to Philosophy of Religion. Second Edition. Malden; Oxford; West Sussex: Blackwell, 2010, p. 34-43, por Lana Ellen T. de Sousa. Revisão de wanderson flor do nascimento.

LOPES, Nei, 1942. Filósofos africanos: uma introdução / Nei Lopes, Luiz Antonio Simas. – 1a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

OMOREGBE, Joseph I. Filosofia Africana: Ontem e Hoje. African Philosophy: Yesterday and Today in African Philosophy: an Anthology by Emmanuel Chukwudi Eze, Massachusetts/Oxford, Blackwell Publishers, 1998.

ONDÓ, Eugenio Nkogo. Introducción a la filosofía africana. XVI Jornadas África: "Una mirada a las culturas africanas: literatura, filosofía, música y danza". FAIA. VOL 7. Nº28-29. Valladolid, 21, 22 y 23 de febrero de 2017.

ORUKA, H. Odera. Quatro tendências da atual Filosofia Africana. Tradução para uso didático de ORUKA, H. Odera. Four trends in current African philosophy. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 120-124, por Sally Barcelos Melo.

MACHADO, Adilbência Freire. Filosofia Africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. Tear: **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.3, n.1, 2014.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**, v. 3, n. 6, nov. 2011, fev. 2012, p. 147-150.

RIBEIRO, Katiúscia; NASCIMENTO, Ademar R. (Adeodé); GOMES, Antonio; HEBERT, Ítalo e BISPO, Jorge. **Rekhet**: um exercício que transcende o ato de filosofar. Ítaca n.º 36, 2020 - Especial Filosofia Africana. ISSN 1679-6799.



João Paulo de Azevedo Silva
Universidade Federal de Pernambuco
Everaldo Fernandes da Silva

Universidade Federal de Pernambuco | Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal. **Novos Estudos** 79 II
NOVEMBRO 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt>.
acesso em 20/12/2021.

Recebido em 03 de janeiro de 2023
Aprovado em 05 de janeiro de 2023